

Pedagogia Hospitalar: o pedagogo na brinquedoteca

Caroliny Guimarães Sperandio Meireles - carolinysperandio@gmail.com

Marina Arruda de Freitas - marina04freitas@hotmail.com

José Raimundo Silva Costa - josersc2@ig.com.br

Curso de Pedagogia

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ubá

Ubá - MG/Novembro/2015

Resumo

O campo de atuação do pedagogo não se restringe somente a escolas. Atualmente encontram-se esses profissionais atuando em áreas hospitalares. Sabe-se que são grandes as contribuições desse profissional nesse contexto. O objeto de atenção desse artigo é analisar como é atuação do pedagogo hospitalar e especificamente compreender as particularidades e desafios do trabalho com o lúdico na brinquedoteca. Nesse sentido, contextualiza-se brevemente o pedagogo hospitalar e a brinquedoteca. Em seguida, optou-se por desenvolver outras discussões teóricas a cerca da pedagogia hospitalar: direito ao brincar e humanização nas discussões de dados. Na apresentação das discussões e resultados, obtidos por meio de metodologia qualitativa, optou-se por fazer um breve referencial teórico e aprofundar nas discussões dos dados. Para coleta de dados utilizou-se da entrevista e um questionário semiestruturado além de falas livres. Os resultados indicam que a atuação do pedagogo hospitalar é mais abrangente do que se imaginava e que sua atuação, quando competente contribui significativamente para garantir a criança o brincar de forma lúdica, favorecendo seu crescimento cognitivo e emocional.

Palavras-Chave: Pedagogia Hospitalar. Brinquedoteca. Direito ao brincar. Humanização.

Abstract

The pedagogue performance area is not restricted only to schools, today we find these professionals working in hospital areas. We know that there are great contributions of this professional in this context. The object of attention of this paper is to analyze how they work and specifically understand the particularities and challenges of working with the playful in the playroom. In this sense, it is contextualized briefly hospital educationalist and playroom, and then it was decided to develop other theoretical discussions about the hospital pedagogy, the right to play and humanization in the data discussion. The presentation of the discussions and results obtained by means of qualitative methodology, it was decided to make a brief theoretical framework and go more in depth discussions on the data. For data collection was used the interview and a semi-structured questionnaire and free speech. The results indicate that the performance of the hospital teacher is broader than previously thought and that their operation when competent significantly contributes to the child's plays in playful way, favoring their cognitive and emotional growth.

Keywords: Hospital Pedagogy. Playroom. Right to play. Humanization.

1. Introdução

Foi-se o tempo em que a atuação do pedagogo restringia-se somente à escola, hoje encontram-se esses profissionais atuando em diversas áreas, dentre elas na área hospitalar, atuando em classes e brinquedotecas dentro do hospital desempenhando um importante papel.

A problemática desse exercício reflexivo foi construída a partir da seguinte pergunta:
Como o pedagogo atua no ambiente hospitalar?

O objetivo geral do estudo é analisar o papel do pedagogo hospitalar e especificamente, compreender o trabalho na brinquedoteca, analisar o trabalho com o lúdico na brinquedoteca e entender os desafios da atuação.

Justifica-se a escolha, pela busca de um aprofundamento do tema, este apresentado na graduação, mostrando a importância da atuação do pedagogo hospitalar diante da possibilidade de dar continuidade ao processo de aprendizagem da criança hospitalizada, como também a perspectiva de abrir campo de atuação para o profissional pedagogo.

Utilizou-se na pesquisa o método qualitativo, com uma finalidade aplicada, exploratória e descritiva. Para coleta de dados utilizou-se como instrumento a entrevista semiestruturada e observação direta com o uso de falas livres.

Entender de fato, como ocorre a atuação do pedagogo no contexto hospitalar, contribuiu para a formação como pedagogas, além de possibilitar produção de material para que outras pessoas tenham acesso. Por mais que seja explícita a ideia de que o pedagogo não atua somente em sala de aula, uma barreira que se encontra é não saber em que áreas de atuação este profissional pode ser inserido.

2. Referencial Teórico

Nessa breve revisão teórica tem-se como objetivo colocar o significado de questões centrais para se pensar a relação entre o pedagogo hospitalar e sua atuação. Primeiramente, coloca-se como tem sido construído o espaço de atuação do pedagogo hospitalar. Na sequência, define-se o que se entende por lúdico na brinquedoteca e os desafios de legitimação de um campo de atuação do pedagogo e sua contribuição para pensar o objetivo.

2.1. O Pedagogo Hospitalar e a Brinquedoteca.

A partir do ano de 2005, a Lei Nº. 11.104/2005 estabeleceu que todos os hospitais com atendimento em pediatria são obrigados a organizar uma brinquedoteca como “espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar” (BRASIL, 2005). Muitas famílias, às vezes, não sabem dos direitos que possuem, a brinquedoteca hospitalar é um direito que se tem e poucas pessoas conseguem fazer uso deste benefício.

A brinquedoteca é um espaço onde o brincar é a principal atividade, tem objetivo de fazer com que a criatividade seja explorada. Este espaço precisa ter brinquedos, jogos e

demais materiais que possam possibilitar interação entre as pessoas que o frequentam. Segundo Friedmann (1992, p.30):

A brinquedoteca é um espaço privilegiado que reúne a possibilidade e o potencial para desenvolver as características lúdicas. É hoje, um dos caminhos mais interessantes que pode ser oferecido às crianças de qualquer idade e faixa sócioeconômica. O intuito é o de resgatar, na vida dessas crianças, o espaço fundamental da brincadeira, que vem progressivamente se perdendo e comprometendo de forma preocupante o desenvolvimento infantil como um todo.

Acredita-se que o pedagogo contribui significativamente para o bem estar da criança hospitalizada. Para Silvério; Rubio (2012 p.15),

O papel do pedagogo hospitalar, principalmente dentro de uma brinquedoteca, é possibilitar à criança a construção de novos conhecimentos de forma prazerosa, por meio do lúdico, levando em conta que o brincar é uma atividade própria da criança, a porta pela qual ela entra em contato com outras pessoas e com as coisas, um instrumento para a construção coletiva do conhecimento. A criança necessita brincar para ser ela mesma, para desenvolver-se, para construir conhecimentos, expressar suas emoções, entender o mundo que chega até ela.

Neste sentido, é necessário que o pedagogo esteja preparado para estar em vários lugares, onde sua atuação seja significativa, tanto em espaços formais ou informais. Diante disso, Libâneo, (2005, p. 96) afirma que o pedagogo:

[...] é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica.

É preciso que o profissional pedagogo que atuará dentro do hospital seja atencioso e tenha sensibilidade, pois os desafios são diferentes dos encontrados em sala de aula. Taam (2004, p. 71) destaca que “os professores não possuem conhecimentos específicos para atuar junto à criança hospitalizada, cujas condições físicas e emocionais, assim como o ambiente com o qual a criança interage têm características bem diversas do contexto escolar”.

Quando uma criança é hospitalizada muitas mudanças acontecem em sua vida, coisas simples que faziam parte de sua rotina agora acontecem de outra forma. Para Fonseca (2003, p. 20), “além disso, também a rotina de vida é alterada, uma vez que as refeições (agora denominadas dietas) podem não ser servidas nos horários com que, quando fora do hospital,

estava habituado; a cama (agora chamado de leito) e as roupas não são como as de casa; o cheiro do ambiente é outro.”

A brinquedoteca não tem o real valor que merece, muitas vezes as pessoas não sabem do que se trata este ambiente, sendo que é de muita importância. Esse descaso acontece por não conhecerem os objetivos desta prática. Cunha, (2005, p.14) destaca o trabalho desenvolvido na brinquedoteca, que tem por objetivo

- . proporcionar um espaço onde a criança possa brincar sossegada, sem cobranças e sem sentir que está atrapalhando ou perdendo tempo;
- . estimular o desenvolvimento de uma vida interior rica e da capacidade de concentrar a atenção;
- . estimular a operatividade das crianças;
- . favorecer o equilíbrio emocional;
- . dar oportunidade à expansão de potencialidades;
- . desenvolver a inteligência, criatividade e sociabilidade;
- . proporcionar acesso a um número maior de brinquedos, de experiências e de descobertas;
- . dar oportunidade para que aprenda a jogar e participar;
- . incentivar a valorização do brinquedo como atividade geradora de desenvolvimento intelectual, emocional e social;
- . enriquecer o relacionamento entre as crianças e suas famílias;
- . valorizar os sentimentos afetivos e cultivar a sensibilidade.

2.2 O Lúdico e o Brincar

As atividades desenvolvidas dentro de o ambiente hospitalar devem ser organizadas de maneira que possam contribuir para o desenvolvimento pleno da criança, uma dessas maneiras é de se trabalhar com o lúdico, sendo assim afirma Vygotsky (1991), que “as atividades lúdicas têm a função de facilitar o desenvolvimento integral da criança, o progresso de cada uma das funções psicológicas, intelectuais e morais.”

A brincadeira se torna importante pelo fato de ser um auxílio para qualquer contexto, a todo momento se pode existir a brincadeira, a atividade se adequa à faixa etária e condições. Da Costa et al. (2008, p.15) consideram que “é pela brincadeira que a criança interpreta, recria e estabelece relações com o mundo e o brincar é um instrumento que a criança tem para nele ser e estar.” Dessa forma, a brincadeira caracteriza-se como uma atividade vital para o seu desenvolvimento.

2.3 Humanização

O trabalho desenvolvido tanto no ambiente escolar quanto no hospitalar, deve ser realizado com um olhar mais atencioso, a fim de agregar a todos no objetivo central de

respeito à condição e ao momento de cada pessoa. Corroborando com essa concepção ou perspectiva Viegas (2008, p. 49), assinala que:

Humanização é respeitar alguém fragilizado, com naturalidade, sem parecer superior. No caso de pessoas doentes, procurar aliviar o seu sofrimento, ter compaixão no bom sentido, com atitudes positivas. Não é esmola, é realizar realmente alguma coisa para melhorar a sua qualidade de vida - um tratamento, um gesto de amizade, um conforto, uma atenção, uma palavra, um sorriso, uma esperança ou a explicação com delicadeza de uma situação grave. No caso de doentes sem possibilidades de viver, deixá-los morrer com dignidade.

Criar possibilidades para que a permanência da criança hospitalizada seja significativa, além de amenizar o sofrimento da criança e também da família, possibilita a mesma possibilidade de crescimento através dos conhecimentos obtidos dentro da brinquedoteca tanto com as experiências trocadas com as demais crianças e quanto com a equipe hospitalar.

3. METODOLOGIA

3.1 Universo da Pesquisa

A pesquisa sobre o tema Pedagogia hospitalar: o pedagogo na brinquedoteca foi realizada em uma Fundação Hospitalar pública estatal que se destaca no atendimento às crianças com anemia falciforme, diabetes, traumas, distrofia muscular e crianças com doenças infectocontagiosas. A primeira forma de contato ocorreu por telefone e e-mail, com os Recursos Humanos e com a pedagoga. Na referida fundação o espaço já tem se constituído um espaço organizado, legitimado para a atuação da equipe multidisciplinar responsável pela brinquedoteca, coordenada pela pedagoga.

A seleção dos hospitais foi feita a partir daqueles que possuem o pedagogo atuando na gestão da brinquedoteca, mas ainda hoje é difícil encontrar o profissional pedagogo atuando neste espaço. A respeito disso Matos e Mugiatti (2006, p.48), afirmam que “no Brasil, a grande maioria dos hospitais não possui o atendimento do pedagogo ao escolar hospitalizado. Ainda não há reconhecimento satisfatório no sentido de que as crianças e os jovens hospitalizados têm o direito à educação.”

Foi feito contato com outro hospital que se disponibilizou a atender, mais que de última hora, alegando o não agendamento de visitas para o referido mês, desmarcou, momento que despertou um sentimento de frustração, fazendo com que nossa busca se intensificasse a fim de encontrar um hospital que atendesse nossas necessidades.

A Fundação Hospitalar visitada administra 21 unidades assistenciais localizadas na região metropolitana de Belo Horizonte e no interior do estado de Minas Gerais.

A pesquisa foi realizada com a pedagoga atuante na Fundação Hospitalar que desenvolve o trabalho que abrange desde o acolhimento da criança hospitalizada, coordenação dos trabalhos desenvolvidos tanto das atividades realizadas no leito quanto na brinquedoteca. Por se tratar de uma visita técnica para fins de pesquisa acadêmica, de acordo com as normas da Fundação Hospitalar, somente a pedagoga pôde fazer o acompanhamento e explicar seu trabalho, sendo restrito o contato com os pais ou acompanhantes, o contato com as crianças foi feito através da observação das atividades realizadas na brinquedoteca.

Por normas da Fundação, esta optou por oferecer as pesquisadoras uma declaração comprovando a visita à instituição, descartando a necessidade de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A coleta dos dados desta pesquisa foi realizada a partir da observação direta, falas livres e entrevista. Segundo Ruiz (2011, p.51) “a entrevista consiste no diálogo com o objetivo de colher, de determinada fonte, de determinada pessoa ou informante, dados relevantes para a pesquisa em andamento”.

A entrevista foi desenvolvida através de um questionário semiestruturado, que serviu como roteiro para nossa conversa. As informações relevantes foram utilizadas na pesquisa.

No decorrer da conversa a pedagoga pontuou questões relevantes que não estavam planejadas, mas de grande contribuição para a pesquisa. Os dados foram compilados, interpretados e analisados em literatura especializada.

Este artigo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Presidente Antônio Carlos, através da Plataforma Brasil, sendo respeitados os procedimentos bioéticos, propostos pela Comissão Nacional de Saúde (Resolução CNS N° 466/2012).

4. Resultados e Discussão

Nesse sentido, problematiza-se os dados obtidos por meio de entrevista com a pedagoga que atua na gestão das atividades desenvolvidas na brinquedoteca e nas demais atividades pedagógicas desenvolvidas na Fundação. Elegeu-se uma incursão mais teórica reflexiva aqui e não no referencial teórico.

Ao ser questionada sobre sua trajetória profissional, a entrevistada relatou que “*minha trajetória, é escolar eu venho do chão da sala, eu falo dessa experiência como professora, educação infantil, ensino fundamental, coordenação pedagógica, pós-médio, curso de formação de professores*”.

Entende-se que essa experiência contribui significativamente para que ela entenda o processo de ensino-aprendizagem, e também a rotina da escola com seus desafios e encontros com o conhecimento. Em decorrência dessas vivências ela apresenta uma visão totalizadora do ambiente escolar, agregando valor, legitimidade à sua práxis pedagógica. Corroborando com essa fala segundo De Paula e Matos (2007, p. 253)

o professor insere no hospital o universo da cultura escolar. Ao lado de injeções, seringas, soros e sofrimento, este leva lápis, cadernos, tintas, cultura, arte, educação e lazer na tentativa de modificar o ambiente hospitalar. Dependem esforços para que estas práticas educativas sejam tratadas como políticas de Estado e não fiquem à mercê de interesses e das políticas locais.

Seu segundo campo de atuação foi na área da saúde, em que nos relatou *“meu encontro com a pedagogia hospitalar se deu através dos alunos de inclusão na escola onde eu trabalhava, nós tínhamos que buscar esse encontro, esse diálogo com esses outros profissionais, o que levou-me ao curso psicopedagogia. Comecei o curso e o direcionei para a área da saúde, atendendo em clínicas, nesse universo mais ambulatorial e com conclusão do curso eu implementei a pedagogia hospitalar”*.

Fica claro nas palavras da entrevistada que para chegar em sua formação atual foi necessário passar por outras instâncias levando-a ao que a fez buscar aperfeiçoamento. A educação inclusiva foi uma delas, dando-lhe um aporte necessário para atuar na área da educação. Em Brasil (2008, p. 17-18) que:

Para atuar na educação especial, o professor deve ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. Essa formação possibilita a sua atuação no atendimento educacional especializado e deve aprofundar o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas comuns do ensino regular, nas salas de recursos, nos centros de atendimento educacional especializado, nos núcleos de acessibilidade das instituições de educação superior, nas classes hospitalares e nos ambientes domiciliares, para a oferta dos serviços e recursos de educação especial.

Quando se tem uma Fundação que se preocupa em atender às necessidades das crianças, tendo uma visão totalizadora, faz com que ações sejam tomadas antes mesmo da exigência de leis, visando ao bem-estar da criança e da família. A Fundação apresenta uma visão vanguarda relatada pela pedagoga, *“Nessa fundação hospitalar, anterior à lei, já existia o espaço recreativo. Penso que as pessoas já entendiam da necessidade, mas a lei ajudou no sentido de criar melhores condições a esse ambiente”*.

A entrevistada afirma sobre a importância de aperfeiçoamento, *“essa área de atuação tanto da pedagogia e da brinquedoteca é uma área ainda em construção, então estes cursos a partir do momento que alguém responde por esses lugares, busca-se aperfeiçoamento”*.

É importante estar sempre se aprimorando, buscando conhecimentos, principalmente ao se tratar de campos, onde há uma maior preocupação com o indivíduo. É necessário também se aperfeiçoar para que essa área seja valorizada da forma que precisa. Para sustentar esta fala, segundo Matos e Muggiati (2009), a Pedagogia Hospitalar requer, pela sua especificidade, habilitados e competentes profissionais.

Quanto ao atendimento pedagógico a entrevistada faz uma ligação com a política de humanização, *“no caso do atendimento pedagógico hospitalar e da brinquedoteca, ele está intrinsecamente ligado com a política de humanização, porque a política vai ser dividida em três vertentes, gestão, usuário e servidores. No caso os trabalhadores, é uma atenção muito focada nesse usuário de melhor qualidade de vida de um atendimento mais integrado, então isso vai ao encontro da política da humanização.”*

Confirma-se em Brasil (2004, p.10) que:

Por humanização entendemos a valorização dos diferentes sujeitos implicados nos processos de produção da saúde: usuários, trabalhadores e gestores. Os valores que norteiam esta política são a autonomia e o protagonismo dos sujeitos, a corresponsabilidade entre eles, o estabelecimento de vínculos solidários e a participação coletiva no processo de gestão.

Em relação à contribuição da pedagogia hospitalar para as crianças/pacientes, a pedagoga afirma *“a pedagogia hospitalar tenta suprir uma demanda desse atendimento à criança durante a internação. A visão da pedagogia é de favorecer a continuidade desse processo de desenvolvimento da criança, direito à aprendizagem não só escolar, a aprendizagem inclusive sobre a doença dela, sobre a participação dela no processo de cura, é muito mais ampla.*

O trabalho realizado tanto na escuta pedagógica quanto na brinquedoteca visa deixar a criança consciente de seu estado clínico, possibilitando-a de participar de sua melhora, uma vez que ela sabe o que está se passando, tem possibilidades para contribuir em seu tratamento. Nas perspectivas de Matos e Muggiati (2006) pedagogia hospitalar *“vem contribuir, no âmbito da Ciência do Conhecimento, para uma inovadora forma de enfrentar os problemas clínicos, com elevado nível de discernimento”*.

É a pedagoga que coordena as atividades da brinquedoteca, *“embora eu não faça atendimento na brinquedoteca. Toda parte que envolve a organização dessas atividades eu coordeno junto às recreadoras”*.

Na referida Fundação a equipe é formada por recreadoras “que para outros autores são denominadas brinquedistas”, estas que além de desenvolver as atividades coordenadas pela pedagoga, são responsáveis pela higienização do espaço e dos brinquedos. Permanecem na brinquedoteca em tempo integral, para atender às crianças durante a semana e com o projeto de se estender aos fins de semana. Na concepção de Cunha (2001, p. 73) os brinquedistas são “responsáveis pelo atendimento às crianças, a análise de jogos, arrumação de brinquedos e supervisão das brincadeiras”.

O atendimento curricular realizado aqui no hospital, é abordar todas as crianças que estão em idade escolar, a fim de que se possa orientar e ouvir a família, e quando essa criança entra em longa permanência, superior a sete dias, sem previsão de alta, já orienta que busque as atividades da escola.

Para Ortiz e Freitas (2005, p.38)

a duração da hospitalização configura-se como sendo também um fator determinante da reposta da problemática deste evento. Quanto maior o período de isolamento hospitalar, maiores serão os riscos de surgirem prejuízos ao livre desenvolvimento normal da criança.

A fundação demonstra preocupação em atender aos pacientes/alunos o mais rápido possível visando ao não prejuízo a escolarização das crianças. A pedagoga relatou que esse trabalho de abordagem das crianças torna-se difícil por ser só ela, fazendo com que infelizmente não chegue a todas as crianças, ressalta ainda a necessidade de que esse processo de comunicação entre escola e hospital passe também pela secretaria de educação. *Espera-se que em um futuro breve a haja esse atendimento escolar mais sistematizado vinculado à Secretaria de Educação.*

Segundo Paula (2006, p.04),

Os convênios entre os hospitais e as escolas são firmados com as Secretarias de Educação e Saúde dos Estados. Mas, tanto os órgãos públicos, os educadores e a sociedade em geral, ainda pouco conhecem esses espaços educativos como uma modalidade oficial de ensino em nosso país, pois são raras as Secretarias de Educação que implantam essas práticas educativas nos hospitais, garantindo-lhes apoio e assistência.

As pessoas acreditam que quando estão doentes, elas precisam de remédio e de repouso. Elas têm essa falsa ilusão e depois se esquecem de escutar o próprio paciente. Ao perguntar à criança ela vai conseguir sinalizar as outras necessidades tais como, necessidade de brincar, necessidade de interagir, de aprender e de estudar.

Segundo Fonseca (2003, p.17)

A criança hospitalizada, assim como qualquer criança apresenta o desenvolvimento que lhe é possível de acordo com uma diversidade de fatores com os quais interage e, dentre eles, as limitações que o diagnóstico clínico possa lhe impor. De forma alguma podemos considerar que a hospitalização seja, de fato, incapacitante para a criança. Um ser em desenvolvimento tem sempre possibilidades de usar e expressar, de uma forma ou de outra, o seu potencial.

A partir do momento que a criança é privada de ter acesso ao conhecimento por estar hospitalizada, tira-se dela o direito de aprender e a coloca como incapaz.

A entrevistada relata sobre a importância das atividades na recuperação da criança “*O impacto dessas atividades na recuperação dessa criança é muito significativo. Na enfermaria ela é paciente, na brinquedoteca e na aqui na salinha durante o atendimento pedagógico ela volta a ser criança.*

Isso acontece porque é dado a ela a possibilidade de ser criança, oportunizando o esquecimento do tratamento para o simples ato de ser criança através da brincadeira.

A criança vem para o atendimento, conversa, posiciona-se, e isso muda a forma de se relacionar quando volta para a enfermaria ao se relacionar com as pessoas daquele espaço, relacionar com a própria doença e relacionar com o tratamento. Winnicott (1982, p.164) afirma que “as brincadeiras aparecem, na expressão infantil como um elo entre, por um lado, a relação do indivíduo com a realidade interior e, por outro lado, a relação do indivíduo com a realidade externa ou compartilhada”. Fica explícita a importância do ato de brincar, contribuindo significativamente para o bem-estar da criança.

Ao falar sobre a escuta pedagógica, a entrevistada diz que “*no momento da abordagem, na escuta pedagógica, sabe-se o que deve estar direcionando, se é um atendimento coletivo ou se é um atendimento individual, vai depender de cada paciente e de cada situação. O universo aqui é diversificado. Para cada situação específica há uma forma de intervenção.*

Para Fonseca (2003, p.14) “O atendimento pedagógico-educacional no ambiente hospitalar deve ser entendido como uma escuta pedagógica às necessidades e interesses da criança, buscando atendê-las o mais adequadamente possível nesse aspecto”.

Relacionado a escuta pedagógica Ceccim (1997, p. 31) afirma que:

O termo escuta provém da psicanálise e diferencia-se da audição. Enquanto a audição se refere à apreensão/compreensão de vozes e sons audíveis, a escuta se refere à apreensão/compreensão de expectativas e sentidos, ouvindo através das palavras as lacunas do que é dito e os silêncios, ouvindo expressões e gestos, condutas e posturas. A escuta não se limita ao campo da fala ou do falado, [mais do que isso] busca perscrutar os mundos interpessoais que constituem nossa subjetividade para cartografar o movimento das forças de vida que engendram nossa singularidade.

Quando questionada sobre o brincar a entrevistada diz que, *“a brinquedoteca atende ao direito da criança ao brincar e não é só o brincar pedagógico, que é mais dirigido. É importante permitir também um espaço onde a criança possa ser ela mesma, experimentar, ensinar, mostrar e não trazer as coisas para ela.”*

Assim como acontece nas escolas, muitos professores apresentam a suas crianças materiais já prontos, não permitindo que a criança expresse ali o seu sentimento e durante a trajetória acadêmica percebeu-se o quanto se faz necessário incentivar e apreciar as produções feitas pelas crianças, mais do que rabiscos, o brincar expressa como a criança está se sentindo, principalmente no ambiente hospitalar envolvidas pela fragilidade que tal condição as permite sentir e manifestar. Para ressaltar essa fala, Ceccim (1999), afirma que:

Não é apenas “ocupar criativamente” o tempo da criança para que ela possa “expressar e elaborar” os sentimentos trazidos pelo adoecimento e pela hospitalização, aprendendo novas condutas emocionais, como também não apenas abrir espaços lúdicos com ênfase no lazer pedagógico para que a criança “esqueça por alguns momentos” que está doente ou em um hospital. O professor deve estar no hospital para operar com processos afetivos de construção da aprendizagem cognitiva e permitir aquisições escolares às crianças. O contato com o professor e com uma “escola no hospital” funciona, de modo importante, como uma oportunidade de ligação com os padrões de vida cotidiana do comum das crianças, como ligação com a vida em casa e na escola.

A entrevistada fala como deve ser o espaço da brinquedoteca *“Um espaço de expressividade, de encontro, que possa garantir a continuidade desse processo de desenvolvimento através da relação que ela estabelece com as pessoas, não especificamente somente com aquele conteúdo. Às vezes, aquelas crianças que estão passivas, bem quietinhas, vêm para o atendimento, elas conversam, posicionam e isso muda a forma de se relacionar quando ele volta para a enfermaria, muda a forma com que ele se relaciona com as pessoas, com a doença e com o tratamento”*.

Fazer com que o ambiente hospitalar torne-se agradável à criança no tempo de sua internação, possibilitar-lhe-á a oportunidade de encontros com crianças diferentes e realidade

diferente da qual ela está acostumada. As atividades feitas na brinquedoteca são realizadas com brinquedos que estão ali para que todas as crianças usufruam. Utilizar disso para ressaltar a importância do brincar contribui para o crescimento da criança. Com isso afirma Fonseca (2003, p. 16) “A criança é um cidadão que, como qualquer outro, tem direito ao atendimento de suas necessidades e interesses mesmo quando está com a sua saúde comprometida”.

Quando questionada, sobre o funcionamento da brinquedoteca, afirma “*Ela deve funcionar como uma brinquedoteca hospitalar, ela não deve funcionar como um depósito de brinquedos! Uma brinquedoteca hospitalar tem objetivos, e principalmente um compromisso de ampliar o direito da criança com o brincar, que é uma necessidade vital. Ela só pode trazer benefícios, quando funciona da forma adequada E se não funcionar corretamente, ela pode trazer alguns prejuízos, pode ser mal interpretada e com isso o seu valor pode ser diminuído*”.

Quando se estabelecem metas, sabe-se aonde se quer chegar e é isso que se nota na fala da pedagoga, pois colocar em uma sala um amontoado de brinquedos não faz sentido nenhum, se não souber o quê e como fazer. Entender de fato o que uma brinquedoteca pode trazer de bom ou ruim para uma criança hospitalizada faz com que as ações dos profissionais sejam repensadas.

Contribuindo com essa fala Cruz; Rocha; Marques (2013, p.139), dizem que

A brinquedoteca deixa de ser apenas um depósito de brinquedos quando é acessível às crianças e conduzida por profissionais capacitados. É importante ressaltar que os brinquedos que são disponibilizados, as instalações, móveis e decorações devem ser expostos de forma a chamar a atenção e despertar o interesse do brincar e de se expressar individualmente ou em grupos, devendo a criatividade e as práticas sociais serem estimuladas.

Afirma a entrevistada que “*Socialmente, considera-se que brincar não é coisa séria, quando se quer referir a uma pessoa que às vezes, não está sendo séria. Portanto, é um trabalho que exige muito conhecimento, exige estudo, exige disposição para que se possa, realmente, colocar o brincar no patamar da seriedade necessária. E principalmente, dentro de um hospital, que é cercado por um academicismo muito grande, pela questão da confirmação do conhecimento, do científico, então assim mais um compromisso para ser realizado*”.

Baseando nisso, Figueiredo (2004) menciona que: “A pouca seriedade, está mais relacionada ao cômico, ao riso, que acompanha na maioria das vezes, o ato lúdico que se

contrapõe ao trabalho, considerado atividade séria. Não que a brincadeira infantil deixe de ser séria, pois, quando uma criança brinca, ela o faz de modo bastante compenetrado”.

Quando questionada se o pedagogo seria o profissional mais indicado a atuar em brinquedotecas e ambientes hospitalares, a pedagoga relata *“Acredito numa proposta multidisciplinar para a brinquedoteca. Acredito que o pedagogo é um profissional por excelência que tem que estar participando dessa equipe, ainda mais dentro de um hospital onde se têm esses encontros multiprofissionais”*.

Por acreditar que o pedagogo tem por excelência condições de atuar neste ambiente, acredita-se que este profissional possui características como as destacadas por Rodrigues (2012) que *“para o pedagogo atuar no hospital, é preciso ter visão humanística, que vai além de teorias preestabelecidas, é ver a criança como um todo priorizando o emocional como fator de grande relevância para a sociabilidade, a interação e a aprendizagem no ambiente hospitalar.”*

“O brincar no hospital não pertence a nenhum profissional, pertence à criança. E os profissionais que estão ali deverão estar disponíveis para conversar e propor atividades cada vez mais significativas, um espaço cada vez mais interessante para que essas coisas aconteçam”.

Segundo Melo; Valle (2010, p.518) *“Brincar é o trabalho da criança. Ao brincar, a criança aprende sobre seu mundo, tempo e espaço, expressa sua realidade, ordena e desordena, constrói um mundo que lhe seja significativo e que corresponda às necessidades intrínsecas para seu desenvolvimento global.”* Fica claro na fala da entrevistada a importância de o brincar pertencer à criança, ficando a cargo dos demais profissionais mediar este processo.

Quando questionada sobre qual o profissional adequado para atuar na brinquedoteca destaca que *“Aquilo que é de todo mundo não é de ninguém, pode correr o risco de ficar um espaço abandonado, quando não se determina, mas o que se vê. Nelci, que é uma pedagoga percussora da implementação das brinquedotecas no Brasil, afirma que quem está dentro da brinquedoteca é aquele que tem paixão por aquilo”*.

A pedagoga reafirma que a pessoa que está na brinquedoteca precisa gostar, e sentir prazer de estar naquele ambiente. Sendo assim Cunha (2005, p.16) destaca que *“Quando alguém chega à porta de uma brinquedoteca deve ser tocado, deve ser atingido pela magia do lugar: precisa sentir que chegou a um lugar muito especial, pois é um lugar onde se respeita o ser humano criança e o mistério do seu vir a ser.*

Em relação ao que os pais pensam sobre a brinquedoteca relata que, *“Ao pensar no pai que está lá vendo o filho doentinho, amuado, triste. De repente, ele tem a possibilidade de levá-lo ao lugar onde se vê um brinquedo, a criança vai se animar, a criança vai lá e interage. Então a brinquedoteca, ela é muito bem aceita pelos acompanhantes”*.

A partir dos brinquedos e das atividades oferecidas as crianças nota-se a melhora, fazendo com que os pais recebam com carinho todos os trabalhos realizados dentro do hospital. Uma das atividades que é proposta com frequência dentro da fundação é a parceria com palhaços que vão até lá para levar alegria às crianças e a seus familiares, ela nos disse que a resposta é imediata, todos se animam com as brincadeiras feitas por eles. Masetti (1998, p.70) que afirma:

A mudança de comportamento das crianças é o resultado mais marcante do trabalho dos palhaços. Em muitos casos, essas mudanças são importantes. Crianças que estavam prostradas se tornaram mais ativas. As quietas passaram a se comunicar mais. As que choravam passaram a sorrir e também a se queixar menos de dores. Observou-se melhora e aumento de contato e colaboração com a equipe e com o tratamento médico. Estes foram dois aspectos significativos. As crianças passaram a se alimentar melhor e aceitar mais as medicações e exames. Segundo os profissionais, há também uma melhoria na imagem da hospitalização em si. Modifica-se a percepção do hospital como um ambiente hostil.

Nesse sentido, a entrevistada descreve como são organizadas as atividades na brinquedoteca *“Trabalha-se com projetos, então assim como a criança, diferente da escola, no outro dia ela está ali de novo. No hospital, as atividades devem ser pensadas para uma criança que amanhã não estará, então as atividades têm começo, meio e fim”*.

Essa fala confirma o ponto de partida para se refletir sobre o fato de a criança não estar mais presente, pois é possível partir de dois princípios, um de que a criança teve alta e já reestabeleceu sua saúde e isso é algo muito positivo e o outro é a morte, algo que infelizmente está presente na realidade hospitalar com mais frequência do que nas escolas regulares. Daí a necessidade de se trabalhar com atividades que tenham começo, meio e fim.

5. Considerações Finais

Observou-se durante a pesquisa que a função exercida pela pedagoga hospitalar é muito mais ampla e desafiadora do que se imagina, pois engloba desde a chegada do aluno/paciente, passando pela abordagem, constatações das especificidades, elaboração dos conteúdos trabalhados na brinquedoteca, desenvolvimento de projetos ao acompanhamento dos resultados obtidos pelas crianças.

A função que a pedagoga exerce é muito importante para os alunos/pacientes, pois além de dar continuidade ao processo de aprendizagem, há uma preocupação muito grande em respeitar a criança como criança, dando-lhe a oportunidade de brincar e desenvolver-se em todos os aspectos.

Enfim, problematizar o papel do pedagogo hospitalar permitiu entender que desde que seja feito com seriedade, com objetivos preestabelecidos, pode trazer muitas melhorias àquelas crianças que se encontram em um momento de fragilidade muito grande, mas que quando feito de forma errada, pode acarretar sérios prejuízos à criança. Sendo assim, as atividades planejadas, contextualizadas darão à criança a oportunidade de crescimento. Mais do que planejar atividades, dar continuidade a conteúdos, pode-se observar que o papel desempenhado pela pedagoga é muito humano voltado para a formação integral da criança. A palavra de ordem é formação integral e não perda de tempo com atividades de passatempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **HumanizaSUS. Política nacional de humanização:** documento base para gestores e trabalhadores do SUS, Secretaria Executiva, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Brasília, 2004.

_____. **Lei no. 11.104/2005** - Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Brasília: MEC, 2005.

_____. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial** na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria n. 555/2007, prorrogada pela Portaria n. 948/2007, entregue ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008.

CECCIM, Ricardo Burg, (1997). Criança hospitalizada: a atenção integral como uma escuta à vida. In: CECCIM, Ricardo Burg, CARVALHO, Paulo R. Antonacci (orgs.). **Criança hospitalizada: atenção integral como escuta à vida.** Porto Alegre: UFRGS, p. 27-41.

_____. Classe Hospitalar: encontros de educação e da saúde no ambiente hospitalar. **Pátio, Revista Pedagógica.** Porto Alegre, v. 3, n.10, p. 41-44, ago/out., 1999.

Cunha, N.H.S. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar.** 3. ed. São Paulo: Vetor, 2001.

_____. A brinquedoteca brasileira. In: SANTOS, S. M. P. dos. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos.** 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. P. 13-22.

_____. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar.** 4. ed. São Paulo:Aquariana, 2010
CRUZ, D.S.M.;ROCHA,S.M.L;MARQUES,D.K.A. **O lúdico na hospitalização:** percepção de mães de crianças hospitalizadas quanto ao projeto de extensão “anjos da enfermagem. Rev. Ciênc. Saúde Nova Esperança – Set. 2013;11(2):131-42.

DA COSTA, L. P.; LAZARETTI, L. M.; SILVA, M. C. A.; BARBARA, R. B. S. **A brincadeira e a formação humana:** elementos para discutir a criança na Educação Infantil. In: Encontro de pesquisa em educação, 3.; Jornada de gestão educacional, 1.; Semana de pedagogia, 15. Pedagogia 35 anos: História e Memória, 2008, Maringá. Anais... Maringá: HUMA Multimídia, 2008.

DE PAULA, Ercília M. A. T.; MATOS, Elizete L. M. **Educação da criança hospitalizada:** as várias faces da pedagogia no contexto hospitalar. Cadernos Cedes, Campinas, v. 27, n. 73, p. 253-255, 2007.

FIGUEIREDO, M.M.A. Brincadeira é coisa séria Revista On-Line **UNILEST-MG**, vol1Jan/Jun. Coronel Fabriciano, MG, 2004. Publicado em 18/04/2006.

FONSECA, Eneida Simões. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar.** São Paulo: Memnon, 2003.

FRIEDMANN, A (org.) **O direito de brincar:** a brinquedoteca. São Paulo: Scritta, 1992. p. 30.

LIBÂNEO, José Carlos. Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de Pedagogia. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Pedagogia e pedagogos:** caminhos e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2005, p. 91 – 110.

MASETTI, M. **Soluções de palhaços:** transformações na realidade hospitalar. São Paulo: Palas Athena, 1998.

MATOS, E. M.; MUGIATTI, M. M. T. F. **Pedagogia hospitalar:** a humanização integrando educação e saúde. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Pedagogia hospitalar:** A humanização integrando educação e saúde. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MELO, L.L; VALLE,E.R.M. A brinquedoteca como possibilidade para desvelar o cotidiano da criança com câncer em tratamento ambulatorial.**Rev. Esc Enferm USP-** Junho 2010;44(2):517-25.

ORTIZ, L. C. M., FREITAS, S. N. **Classe hospitalar:** caminhos pedagógicos entre saúde e educação. Santa Maria: UFSM, 2005.

PAULA, E. M. A. T. de. O ensino fundamental na escola do hospital: espaço da diversidade e cidadania. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 29.,2006,Caxambú,MG. **Anais...** Caxambú, MG: ANPEd, 2006.

Disponível em: <[http://www.anped.org.br/reunioes29ra/trabalhos/trabalho/GT131869 --Int.pdf](http://www.anped.org.br/reunioes29ra/trabalhos/trabalho/GT131869--Int.pdf)>. Acesso em: 09 nov.2015.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho. **Classes hospitalares**: o espaço pedagógico nas unidades de saúde. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 6. São Paulo: Atlas, 2011. P. 50-51.

SILVERIO, Claudia; RUBIO, Juliana. **Brinquedoteca hospitalar**: O papel do pedagogo no desenvolvimento clínico e pedagógico de crianças hospitalizadas. Saberes da Educação, São Roque, v.3, n.1, p.16, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em : 15 de jun. 2015.

TAAM, R. **Pelas trilhas da emoção**: a educação no espaço da saúde. Maringá: UEM, 2004.
VIEGAS, Dráuzio. **Brinquedoteca hospitalar**: Isto é humanização. Rio de Janeiro: Wak editora. 2. ed. 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WINNICOTT, D.W. **A criança e seu mundo**. 6 ed., Rio de Janeiro: LTC, 1982.